

Con te partirò! Cruzeiros turísticos: paisagens sonoras e musicais em trânsito

Con te partirò. Sightseeing cruises: soundscapes and musical soundscapes in transit



Heloísa de A. Duarte Valente

Universidade Paulista – UNIP, São Paulo (SP), Brasil

musimid@gmail.com

Resumo: A partir do conceito de “paisagem sonora” (Schafer, 2001), estuda-se o papel das trilhas musicais nos cruzeiros turísticos e sua função como entretenimento, no âmbito de uma “cultura de lazer” (Morin, 1969). Apresentam-se, inicialmente, alguns aspectos gerais sobre os cruzeiros desde a *Belle Époque*, do apogeu ao declínio, e o *revival* a partir do final do século XX. A partir de registros coletados no circuito Prata, analisa-se como se dão as formas de escuta e consumo musical. Sendo as trilhas musicais componentes da paisagem sonora e, conseqüentemente, da vida cotidiana, este estudo se justifica à medida que contribui para melhor compreender aspectos particulares do tempo presente.

Palavras-chave: Paisagem sonora; Cartões postais sonoros; Cruzeiros marítimos; Muzak.

Abstract: From the concept of “soundscape” (Schafer, 2001) we study the role of musical tracks in tourist cruises and their function as entertainment, within the framework of a “leisure culture” (Morin, 1969). Initially, we present some brief aspects concerning cruises since the *Belle Époque*, from the apogee to the decline and the revival from the end of the twentieth century. From records collected in the Prata circuit, it is analyzed how the forms of listening and musical consumption occur. Being the musical tracks components of the soundscape

and, consequently, of everyday life, this study is justified, as it contributes to better understand some aspects from the present times.

Keywords: Soundscape; Sound postcards; Sea cruises; Muzak.

Submetido em: 3 de novembro de 2022

Aceito em: 20 de agosto de 2023

Sobre as ondas... (Introdução)

Composta em 1888, *Sobre las olas* é o título de uma valsa de autoria do compositor mexicano Juventino Rosas (1868-1894), destacado como compositor de música de salão: mazurcas, *schottisches*, danças, e valsas – dentre estas, uma varreu o planeta e se popularizou como trilha musical de números circenses, particularmente trapezistas. O compasso ternário parece ser conveniente para acompanhar os movimentos de vaivém dos corpos que se lançam, em saltos mortais, de uma extremidade à outra do picadeiro. Curiosamente, a apropriação é bem diversa da gênese da obra que acena, prioritariamente, a Johann Strauss (Diamond, 2015).

A *Belle Époque*, momento em que a valsa vienense se torna uma febre popular, coincide com o advento dos cruzeiros marítimos. O surgimento da iluminação elétrica está entre os elementos que trariam mudanças definitivas na vida cotidiana. Luxúria e dandismo, *douceur de vivre*, fariam o contraponto ao dia a dia nas usinas. Mas não era só isso: para além do deleite da burguesia usufruindo do lazer na integralidade do tempo, os navios também carregavam na terceira classe pessoas sem posses, que tentavam escapar da guerra e da fome em condições abaixo da dignidade humana, sem conforto e, não raro, sem respeitar as leis da salubridade. Muitas delas não chegariam ao seu destino, seus corpos sendo lançados ao mar.

O cruzamento do Atlântico era difícil: os portugueses que emigraram para o Brasil serviam-se dos “vapores”, também denominados “paquetes”. A partir de 1920, “(...) passaram a dispor de quatro classes: as três primeiras possuíam cabines e, a última era reservada aos emigrantes, onde vinham amontoados, em porções abafados, mal iluminados, e geralmente superlotados, onde eram evidentes as más condições de higiene” (Monteiro, 2012). O mesmo sacrifício foi enfrentado por outras nacionalidades oriundas da Europa (espanhóis, italianos), do Oriente Médio (sírios, libaneses) e do Extremo Oriente (Japão). É certo que para estes viajantes, singrar o Oceano não faz qualquer alusão à valsa de Rosas.

Com as duas Grandes Guerras, o turismo em transatlânticos cai em declínio, sendo as embarcações o meio de transporte dos imigrantes e exilados, além da marinha mercante. A volta dos cruzeiros turísticos concebidos para a classe média demoraria algumas décadas.

Apresentamos, na sequência, notas breves sobre como foram se sucedendo os cruzeiros marítimos de lazer, tendo como objeto de interesse suas paisagens sonoras (cf. Schafer, 2001); como estas atestam descrevem modos de vida, estabelecimento e manutenção de hábitos – de escuta e consumo de música, durante o percurso em alto mar.

“Homem livre, tu sempre gostarás do mar!” – Charles Baudelaire

A lenda do pianista no mar (Giuseppe Tornatore, 1998) igualmente se situa na passagem do século XIX para o XX: Novecento nasceu no navio naquele ano e lá foi deixado pelos pais, muito possivelmente imigrantes viajando na terceira classe. Adotado por um foguista, passaria seus dias no navio, sem dele jamais sair. O destino o faria pianista virtuoso, autodidata, vindo-se a tornar a atração principal da fina-flor da primeira classe. Novecento incomodou o lendário Jelly Roll Morton, mito do jazz, a ponto de embarcar no navio para travar um “duelo musical” com o jovem – para quem acaba perdendo a contenda. O protagonista jamais abandonará a embarcação, mesmo quando esta está para submergir. Tão integrado estava aos movimentos das ondas, às paisagens sonoras marítimas que, como um peixe, não conseguiria sobreviver fora d’água.

O ambiente desse filme descreve, com primorosa direção de arte, como teria sido a rotina dos cruzeiros marítimos. Paulatinamente mais numerosos, tinham como vocação oferecer turismo de luxo e entretenimento. Mas a primeira função, de transporte de mercadorias e pessoas, não seria desprezado. Dessa

forma, a embarcação seria loteada segundo o poder aquisitivo dos passageiros: na primeira classe, se hospedavam os endinheirados, ávidos do *voyeurismo* alheio – visavam levar a público uma autoimagem de sucesso e *glamour*. Eram igualmente dignos de ocupar a primeira classe as personalidades que lá se encontravam para “ornar” o ambiente: artistas, gente da alta sociedade, esportistas etc., sem outro propósito senão o de ostentar *glamour* e brilho, notadamente nos momentos da partida e chegada ao porto (Eliseo; Piccione, 2003). Seus corpos se apresentam como estandartes que, ao acenar e distribuir sorrisos, sustentam os dotes de um imaginário que criaram em torno de suas pessoas públicas.

Em contraste, as demais classes ocupantes da embarcação eram compostas de pessoas comuns – algumas delas muito desprovidas de recursos financeiros –, em busca de um novo destino para suas vidas. Aliás, antes da vocação predominantemente turística e de diversão¹, finalidade determinada a partir das últimas décadas do século XX, os transatlânticos tiveram, como maior vocação, transportar imigrantes para o *Novo Mundo*. Ao escapar da guerra e da fome, estrangeiros viriam a pisar em solo brasileiro após longas semanas. O *Kasato Maru* atracou em Santos em 1908, desembarcando os primeiros 781 japoneses, de 165 famílias; em 1910, o *Royoujun Maru*, trouxe outras 906 pessoas (Akio in Giraud, 2001).

Colecionador de postais de Santos e entusiasta de temas relativos a embarcações antigas, Laire J. Giraud é autor de uma brochura sobre os navios que aportaram no cais da cidade desde a década de 1920. Farto de documentação iconográfica, Giraud aponta dados que permitem avaliar as repercussões da experiência dos cruzeiros, na rotina da população local. O maior porto da América Latina recebeu embarcações provenientes de todas as partes do mundo, sendo a italiana a mais frequente. Na década de 1920, marcaram época o *Principessa Giovanna* e o *Principessa Mafalda*; na década de 1940, *Conte Biancamano*, *Conte Rosso*, *Conte*

¹ A Costa Cruzeiros lançou o *slogan* “navighiamo per divertirvi” – o que parece endossar a ideia.

Grande, Anna C., Andrea C., Enrico C., Cristoforo Colombo e Eugenio C. (Eugenio Costa) – este último, o mais conhecido de todos, atracando no cais santista por mais de 30 anos (Schiavon *in* Giraud, 2001).

Convertidos em paraíso do lazer e divertimento, tornou-se imperativo que os transatlânticos passassem a oferecer serviços para a experiência completa da boa-vida: salões, *spas*, boates, bares, restaurantes, shows em teatros. O pioneiro foi o *Caronia*, da Grã-Bretanha, lançado ao mar em 1948 (Schiavon *in* Giraud, 2001). A atividade de turismo sobre as águas se manteria por décadas, até a Segunda Guerra Mundial².

A partir de 1959, o avião tornou-se o meio de transporte preferencial: uma proporção de 1.500.000 de viajantes cruzando o céu contra 900.000 pelo mar. Na década de 1960, os números se distanciariam ainda mais: cinco em cada cem pessoas optavam pelo navio para cruzar o continente. Face a tal situação, os transatlânticos de carreira foram escasseando até seu desaparecimento quase que por completo (Giraud, 2001).

And the band played on...

Um dos maiores sucessos de bilheteria do cinema do século XX, *Titanic* (James Cameron, 1997), partiu da tragédia ocorrida no mundo real, para contar uma ficcional história de um amor impossível, à maneira de Romeu e Julieta da *Belle Époque*. Rose e Jack são protótipos das classes que cruzavam mares e oceanos no início do século XX: de um lado, o jovem remediado, à procura de uma vida próspera, ao emigrar para os Estados Unidos; de outro, a jovem burguesa, que é posta como garantia financeira de livrar a sua família da bancarrota, mediante o casamento com um sujeito esnobe que não ama. O desenlace é trágico: Jack, inebriado de desejo de vida, sucumbe nas águas geladas e confia a Rose o direito de continuar viva.

² O alemão *Cap Arcona*, contumaz visitante da América do Sul, entre 1927 e 1939 – a ponto de ser alcunhado como “Rei da América do Sul” – converteu-se entre 1927 e 1939 em navio-alojamento das forças armadas da Alemanha (Schiavon *in* Giraud, 2001).

Titanic, nome do transatlântico que dá título ao filme, foi lançado ao mar em 14 de abril de 1912. Exemplo de prosperidade da era vitoriana, a embarcação pertencia à companhia *White Star Line*, fundada em 1845. Além do *Titanic*, o *Olympic* e o *Britannic*, da mesma companhia, pertenciam à *Olympic Class Liners*, oferecendo várias atrações exclusivas, dentre as quais música ao vivo, a cargo de instrumentistas de incontestável virtuosidade artística. E que músicas se tocavam, ouviam, dançavam nesse ambiente? Quais as paisagens sonoras (cf. Schafer, 2001) e musicais do *Titanic*?

É farta a documentação existente acerca da vida no malfadado transatlântico. Tomamos, como guia, o disco *And the band played on*, gravado pelo quinteto de cordas *I Salonisti* (Decca, 1997). O encarte do disco faz um relato sobre a rotina de trabalho dos músicos faziam a trilha musical do *Titanic*, em seus diferentes horários e ambientes. O *cast* era constituído por dois conjuntos de cordas: um quinteto se ocupava de entreter os passageiros da primeira classe, ao passo que um trio, de sabor “continental” executava serenatas. O repertório consistia num conjunto de 352 obras, dentre as quais constavam aberturas, trechos de ópera, música sacra, *intermezzi* de suítes e fantasias, valsas, marchas, *cake-walks*, as canções em voga, na época. Mais que conhecer as obras, os músicos deveriam tocar de cor todas elas!

A jornada de trabalho era extenuante: começava ao meio dia, no horário do almoço e se arrastava até o chá-dançante da tarde. Os músicos deveriam ainda circular por outros ambientes do navio, em trios. No horário da ceia, reiniciavam a atividade, que se prolongaria até o final da refeição do último hóspede. Quando se inventava um baile particular, a jornada de trabalho se estenderia madrugada adentro. O álbum registrado por *I Salonisti*³ inclui peças de repertório que teriam sido executadas no *Titanic*:

³ O quinteto foi constituído para o filme de Cameron e, com o sucesso, teve prosseguimento, com a mesma formação instrumental.

Figura 1: Repertório do Titanic. Encarte do disco *The band played on – I Salonisti*. Relação do repertório do disco.

AND THE BAND PLAYED ON	
Music played on the <i>Titanic</i>	
by	
I SALONISTI	
1	Comic Cake Walk 3.28 Robert Vollstedt (d. 1919) arr. Sonnenburg
2	Destiny 6.48 Sydney Baynes (1879–1938) arr. Sonnenburg
3	El Capitan 2.19 John Philip Sousa (1854–1932) arr. Weninger
4	None but the Lonely Heart 2.59 Pyotr Ilyich Tchaikovsky (1840–93) arr. I Salonisti
5	Molly on the Shore 4.07 Percy Grainger (1882–1961) arr. Mortimer
6	Intermezzo from <i>Cavalleria rusticana</i> 3.29 Pietro Mascagni (1863–1945) arr. I Salonisti
7	Glühwürmchen-Idyll from <i>Lysistrata</i> 2.22 Paul Lincke (1866–1946) arr. I Salonisti
8	Ständchen from <i>Schwanengesang</i> 3.38 Franz Schubert (1797–1828) arr. I Salonisti
9	Elite Syncopations 3.27 Scott Joplin (1868–1917) arr. Körmendi
10	Wiener Blut 9.09 Johann Strauss II (1825–99) arr. I Salonisti
11	Cavatine 4.21 Joachim Raff (1822–82) arr. Mondvay
12	Everybody's Doing it Now 1.55 Irving Berlin (1888–1989) arr. Körmendi
<hr/>	
13	Humoresque 3.12 Antonín Dvořák (1841–1904) arr. Lutz
14	Pomp & Circumstance March No.1 6.52 Edward Elgar (1857–1934) arr. Mondvay
15	Nearer my God to Thee 3.54 Lowell Mason (1792–1872) arr. I Salonisti
Thomas Furi <i>violin</i> Lorenz Hasler <i>violin</i> Ferenc Szedlák <i>cello</i> Béla Szedlák <i>double bass</i> Werner Giger <i>piano</i>	
DDD	

Como se pode observar, a coletânea bastante é diversificada, misturando obras avulsas a excertos de obras extensas, como óperas; da mesma forma, imiscuem-se gêneros e funções (obras sacras com música de dança), correntes estéticas (ópera, canção

popular) e condições de escuta. Em outras palavras, todo um universo vastíssimo de músicas de todos os tempos e lugares é convertido em arranjos para cordas. Essa formação impõe uma certa limitação na intensidade (decibéis), uma uniformização nos timbres; uma certa homogeneidade na manutenção do *tempo* (considerando que o que soa não deve atrapalhar a conversação. Há de se observar também que obras vocais transformadas em peças instrumentais, excluem o discurso verbal, o que vem a compor uma paisagem sonora do tipo Muzak, antes mesmo do surgimento deste⁴.

Emoções em alto-mar

Esse mesmo modelo de serviços e entretenimento se repetiria décadas mais tarde, sobretudo a partir do final do século XX, passando por alterações, sobretudo, na construção, que permitiria uma quantidade de passageiros progressivamente maior⁵; e, sobretudo, de ordem tecnológica, permitindo maior segurança na navegação. No que se refere à produção artístico-musical, uma considerável redução nos custos se implantaria, como observaremos, a seguir.

É fato que os cruzeiros marítimos são uma invenção muito bem concebida como opção de lazer. Com o passar das décadas, desenvolveu uma vocação para a cultura de massas: o turismo. Em seu clássico *Cultura de massas no século XX* (1962), Edgar Morin ressalta que a cultura do lazer surgiu como forma de empregar o “tempo livre” – aquele que passou a aparecer quando a duração do tempo de trabalho caseiro diminuiu (Morin, 1969). Distinto das atividades festivas e rituais, este tempo livre passou a ser ocupado pelas viagens de fim de semana, além das férias regulares (Morin, 1969).

Considerado elemento crucial na cultura de massas, o turismo se converteu, notadamente após a década de 1960, em

4 Ainda que a empresa que inventou a música ambiente tenha surgido na década de 1940 e este repertório se defina como “perfume acústico” para encobrir outros sons desagradáveis, a concepção de uma música “de fundo” já é secular. Uma interessante discussão sobre seu papel na conformação da paisagem sonora é posta por Schafer (2001).

5 Giraud estima que entre 2000 e 2001, 88.650 turistas passaram pelo Terminal Marítimo de Passageiros – Giusfredo Santini (Santos), sendo 16.530 deles em trânsito. O ano seguinte contava com mais de 90.000 (Giraud, 2001).

atividade de *consumo*, de *quantidades*: quantidade de quilômetros, quantidade de comidas, de rituais, localidades visitadas. O viajante *percorre, adquire*: cruza oceanos, mares e rios, devora, ao limite da indigestão os “coquetéis do dia”; torneios de *black jack*, roleta e pôquer sugam suas provisões financeiras. O viajante também coleciona bugigangas adquiridas, nos portos de rápida atracagem, sem muito refletir sobre as razões que estimularam sua aquisição. De volta ao lar, dá-se conta, além do volume de prestações a pagar, de reminiscências acumuladas com a experiência, materializadas nos *souvenirs* (Morin, 1969).

Mas há de se considerar as experiências sensoriais e emotivas que se agregam como memórias: paisagens sonoras e musicais. Os cruzeiros oferecem, para além da experiência das inúmeras gamas dos sons marítimos, a escuta de repertórios. Alguns destes serão os “cartões postais sonoros” das localidades visitadas.

O cruzeiro marítimo propicia um tipo de experiência estética a se consumir numa cidade flutuante e em movimento – o navio –, que comporta uma população temporária entre 3.000 e 5.000 pessoas a cada semana, além da tripulação⁶. O *revival* dos cruzeiros, especialmente a partir do início do Terceiro Milênio, levou as armadoras a reformarem os navios mais antigos, fazendo ampliar o número de cabines, incluir outros itens doravante indispensáveis, como varandas, serviços diversos computadorizados, monitorados pela tela do televisor.

Não mais exclusivos às camadas abastadas da sociedade, os cruzeiros marítimos criaram atividades de lazer sob medida para viajantes de classe média⁷: com tanta demanda criada pelos cruzeiros, destinados a um público crescente, as armadoras conceberam os “cruzeiros temáticos”, classificados segundo a clientela: há

⁶ Com capacidade maior de acomodação de passageiros, os navios que vêm sendo construídos não se limitam às categorias cabine interna, externa, externa com varanda e suítes. A “promenade” é voltada para um pátio interno. Informa a *Royal Caribbean*: “O *Allure of the Seas* conta com 7 bairros (sic), 25 restaurantes e uma tripulação de 2834 funcionários”. Maiores informações na página da Armadora: <http://www.royalcaribbean.com.br/findacruise/ships/class/ship/home.do?dest=&shipClassCode=O-A&shipCode=AL&br=R>.

⁷ A CLIA também realizou uma enquete sobre o perfil do viajante: 1/3 compõe-se de pessoas que já haviam comprado o passeio pelo menos outras quatro vezes, ao passo que 2/3 realizavam a primeira viagem. O destino preferido de 66% dos passageiros é o litoral brasileiro, sendo o mesmo percentual correspondendo ao sexo feminino. Em relação ao estado civil, 61% são casados, com idades entre 35 e 54 anos, em 40% dos entrevistados (BrasilTuris, 2020). Maiores informações em: <https://brasilturis.com.br/cruzeiros-temporada-2019-2020-trouxe-r-224-bilhoes-para-economia/>.

cruzeiros religiosos, esportivos, *fitness* etc. Também existem aqueles concebidos para promover encontros amorosos, reuniões de grupos específicos (militâncias em geral, fã-clubes etc.). Em qualquer um deles, é certo que a música se fará presente em praticamente todas as atividades voltadas à recreação, cultura e lazer.

Os Cruzeiros Prata, oferecidos pelas armadoras Costa, MSC e *Royal Caribbean*, também denominados Prata *alla Italiana*, costumam ser procurados por viajantes em idade madura e aposentados, agendados para as semanas finais da temporada. O diretor artístico costuma selecionar peças de repertório alusivas aos países a serem visitados, com ênfase à cultura da Itália das décadas de 1960-1970. Avaliamos que a escolha se baseia nos seguintes pressupostos: a reiteração da bandeira das armadoras (italiana), o *hit parade* corresponde ao período áureo da indústria fonográfica italiana e, não menos importante, o fato de que as peças escolhidas remetem diretamente aos anos de juventude dos excursionistas. Rememorá-las, cantar em conjunto evoca um sentimento de alegria nostálgica.

Como dissemos, houve uma queda vertiginosa dos cruzeiros, a partir da década de 1950, quando a transposição de longas distâncias trocou o mar pelo ar. No final do século XX, a reintrodução dessa fórmula de lazer mostrou-se muito bem-sucedida, com aumento sensível na procura, o que chegou a causar sérios problemas de natureza logística nos portos. Dentre as companhias marítimas presentes com assiduidade, destacam-se a Costa, a MSC e a *Royal Caribbean* – esta última tendo suspenso as atividades no Brasil em 2016. Há programações que se repetiram por várias temporadas, como festivais de rock, sertanejo, *Energia na Veia* (Rádio Energia 97FM, de São Paulo); *sênior*, *gourmet*, bem-estar, *fitness*, dança e até um Cruzeiro Vocal, com oficinas de voz e corpo, destinado a grupos corais, coordenado pelo Maestro Marcelo Recski. Dentre todos, o mais procurado, efetivamente, é *Emoções em Alto Mar*, com participação do “Rei” Roberto Carlos, partindo de Santos.

Os meados da década de 2010 apontariam não apenas para uma continuidade, mas também como uma ampliação de frequentadores.

Com cinco navios em escalas regulares e seis com passageiros em trânsito, a temporada 2018-2019 é a terceira consecutiva com números positivos: passou de 471.702 turistas em 2016-2017 para 530.497 em 2017-2018 e, agora, totaliza cerca de 603 000 passageiros, entre embarque, desembarque e trânsito, segundo estimativas do Concais. (...), cinco estiveram em Santos: *Seaview*, o maior a vir ao país, com capacidade para 5.429 passageiros, Poesia (3.223 hóspedes) e Fantasia (4.363), todos da armadora MSC; Favolosa (3.800), da Costa Cruzeiros, e o *Sovereign* (Soberano, 2.733), da *Pullmantur* (Prefeitura de Santos, 2019).

Com a inesperada pandemia de COVID-19, que tomou o mundo todo de assalto, todos os cruzeiros foram suspensos, retomando as atividades paulatinamente, mediante algumas medidas sanitárias severas⁸. Os noticiosos estimam um crescimento vertiginoso para a temporada 2022-23. Essa era a expectativa da Associação Brasileira de Navios de Cruzeiros (CLIA Brasil)⁹, confirmado pelo portal de notícias G1. A Agência estimava que em torno de 561.000 turistas passariam pelo terminal Concais, em Santos, num total de 780.000 passageiros em todo o país. A temporada deveria iniciar-se em 2 de novembro de 2022, estendendo-se até 16 de abril de 2023 – a maior de toda a década. Somente em Santos, seriam 16 navios perfazendo 142 escalas. Finda a temporada, os dados levantados pela jornalista Laura Enchioglo seriam confirmados:

8 Quando a pandemia atingiu o país, ainda havia cruzeiros em atividade, todos eles sendo suspensos e a tripulação confinada no porto, cumprindo a determinação de quarentena. Ainda assim, o setor teve resultados financeiros relevantes: “houve aumento do número de viajantes em comparação a 2018/2019, totalizando aproximadamente 470 mil cruzeiristas a bordo de oito navios, navegando por 15 destinos nacionais (Santos, Rio de Janeiro, Búzios, Salvador, Ilha Grande, Ilhabela, Ilhéus, Recife, Maceió, Angra dos Reis, Porto Belo, Cabo Frio, Ubatuba Itajaí e Balneário Camboriú), e por outros três na América do Sul: Argentina (Buenos Aires) e Uruguai (Montevideú e Punta del Este)” (BrasilTuris, 2020).

9 O presidente da CLIA, Marco Ferraz, afirmou que a temporada deve ser a maior em dez anos: “O cenário que vemos atualmente no hemisfério norte é animador, tanto no sucesso e segurança das viagens, quanto na demanda reprimida se convertendo em vendas, e isso reflete positivamente no Brasil” (G1 Santos, 2022).

No último domingo, (16), a temporada de cruzeiros marítimos 2022-23 chegou ao fim e gerou R\$400.000.000,00 para a economia da Baixada Santista, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O Concais, terminal de cruzeiros do Porto de Santos (SP) recebeu 16 navios em 143 escalas e 96 dias de operação. Ao todo, passaram pelo terminal. 884.600 passageiros, sendo 12.000 passageiros internacionais. (...) O terminal promete um novo salão de embarque para a próxima temporada (Enchioglo, 2023, p. 10).

Como se pode constatar, pelas informações acima, o negócio do turismo de cruzeiros parece ter conquistado o gosto de expressiva parcela da população.

Navegamos para divertir... porque a vida é feita de momentos

Como podemos entender, tendo em conta os dados estatísticos acima, há muito os cruzeiros marítimos deixaram de ser exclusividade das camadas abastadas da sociedade. Foi necessário criar atividades de lazer sob medida para viajantes, a sua maioria pertencente, economicamente, à classe média. Os *slogans* "Navegamos para divertir" e "porque a vida é feita de momentos", respectivamente, da *Costa Cruzeiros* e da *MSC*, parecem endossar a ideia. É assim que se oferecem várias atrações (a maioria com música) que variam de acordo com a livre escolha do passageiro, espaço físico e o horário. Há programas para toda a família, de todas as idades, durante todo o dia, qualquer que seja o boletim meteorológico: nos encontros dançantes; bailes com música ao vivo em vários recintos, executando obras do repertório de gêneros musicais diversos, a maioria delas proveniente do *hit parade* do momento. Mas tampouco faltam algumas obras consideradas "clássicos populares"¹⁰ ou "de todos os tempos". No geral, a trilha musical compõe uma paisagem sonora

¹⁰ Geralmente sambas, choros, *rock'n'roll* mais antigos.

produzida a partir de uma seleção de repertório pré-selecionado¹¹; orientado por uma estética inusitada, que mescla diversidade, que mescla alhos com bugalhos¹².

Ocorre, todavia, uma mudança relevante, em relação às luxuriantes *matinéés* e *soirées* de outrora: os grupos instrumentais se reduziram a um conjunto de poucos equipamentos; computador, mesa de som, alto-falante e microfone, operados pelo músico-cantor. Em alguns locais, encontra-se piano, bateria. O violão faz parte dos apetrechos do músico-cantor. Em algumas situações, ainda se mantém um ou outro conjunto (não raro, combinações entre os próprios músicos do navio). Os espetáculos no teatro costumam ter toda a trilha musical pré-gravada, executada em *playback*, mantendo a figura do cantor ou, muito raramente, algum instrumentista – às vezes, membro da tripulação do navio.

Ao fim e ao cabo, trata-se de algo sem identidade característica ou *não-lugares*, conforme os denominou o antropólogo Marc Augé (1994); mais especificamente *não-lugares* musicais. Em alguma medida, assemelha-se àquilo que o psicanalista Jurandir F. Costa ponderou, a partir do conceito de “turista”, proposto por Zygmunt Bauman, em *O mal-estar da modernidade* (1998): “O turista é aquele que renuncia a se fixar em identidades passadas, que vê o mundo como um espaço sem fronteiras e, sobretudo, jamais desenha o futuro em função do presente” (Costa, 2005, p. 164)¹³.

A despeito de uma nova relação afetiva com os objetos, o cruzeirista coleciona quinquilharias e *souvenirs* – como já o disse Morin (1969). Mas, também *cartões postais sonoros* e *musicais* (Valente, 2007). Dessa maneira, objetos de pouco valor financeiro, dado o seu acabamento tosco e pouco durável, pode

11 No caso dos cruzeiros Prata, versões eletrônicas de *Por una cabeza*, *El día que me quieras*. A noite “italiana” parte de *remixes* de *Nel blu ti pinto di blu (Volare)*, *O sole mio* etc. Estas peças tradicionais de repertório são embalsamadas em sucessos recentes de espetáculos da Broadway ou equivalentes. Vale acrescentar que a língua é quase sempre em inglês (numa totalidade de turistas brasileiros que desconhecem o idioma) e os intérpretes de várias nacionalidades.

12 Ainda não foi possível averiguar, em detalhe, os critérios de escolha – que podem envolver vários fatores: dificuldade técnica, disponibilidade do material, preferências dos intérpretes, pedidos de viajantes, determinação do diretor do cruzeiro, dentre tantas outras.

13 Tratando sobre a função dos objetos na moral do espetáculo, Costa adverte que, em função desse novo panorama, houve uma reviravolta na relação estabelecida entre os objetos e os vínculos afetivos que promove: “A identidade do sujeito sentimental tinha como matriz imaginária o museu. Nela tudo era retido para que a memória do passado iluminasse o presente e o futuro. A do turista toma o passado como uma fita de vídeo, que sempre pode ser apagada para registrar novas imagens da identidade e da realidade” (Costa, 2005, p. 164).

converter-se em algo afetivamente importante, dadas as circunstâncias de vínculo estabelecidas. Quanto aos cartões postais sonoros, estes podem se manter por toda a vida do viajante, dependendo de outras implicações que venham a se agregar no ato memorialístico (Valente, 2007).

Tais características parecem repetir-se em outras plagas: David Cashman¹⁴ relata sua experiência, no hemisfério norte como músico no *Carnival Paradise*, entre 3 e 5 de abril de 2009. O percurso incluiu Long Beach (Califórnia) e Ensenada (México) no sábado, com navegação no domingo. Segundo o autor, navios de cruzeiro dessa categoria foram concebidos para criar um mundo de fantasia; por essa razão oferecem uma experiência hiper-real, em que a vida é encapsulada e compartilhada entre os participantes; a realidade, fabricada: exótica, fictícia, circunscrita numa geografia imaginada, tal como a Disneylândia, o Club Med ou Las Vegas (Cashman, 2014). Em outras palavras: uma fórmula de felicidade e diversão a bordo, que se mantém e se repete – nos moldes como descreveu Morin acerca do turismo, no âmbito da cultura de massas, há mais de 50 anos.

Con te partirò...

A canção interpretada por Andrea Bocelli, no Festival de Sanremo de 1995, marcaria para sempre sua carreira. Classificada como *crossover*, está presente em muitas cerimônias de casamento – mas também nos álbuns dos músicos de cruzeiro. Quer para as noitadas de “romance”, quer nos palcos de novatos aspirantes à carreira artística.

Permito-me, neste momento, apresentar minha experiência auto etnográfica como viajante em cruzeiro¹⁵. Desde pronto, pode-se considerar atípica, uma vez que o que menos me interessa é, justamente, aproveitar as diversões que a direção artística do

¹⁴ O autor descreve minuciosamente o repertório executado em várias datas, associando as listas de repertório ao público-alvo, salas de execução, classe da embarcação, distribuição do espaço físico entre audiência e músicos.

¹⁵ Na verdade, trata-se de um conjunto de anotações que comecei a tomar, tendo em conta interesses de estudar relações entre paisagens sonoras (cf. Schafer, 2001), e repertórios de canções. Ao longo do tempo, os apontamentos passaram a ser mais sistematizados, sobretudo com a gravação de excertos de apresentações em vídeo e em notas de cadernos de viagem, conforme destaco na nota seguinte.

cruzeiro oferece, no sentido estrito. Antes disso, exerço a função de observadora, tomando notas escritas, pequenas gravações e fotografias para analisar posteriormente. Por essa razão, observar repertórios musicais, comportamentos de escuta dos turistas não chega a ser tarefa difícil, uma vez que não me situo na função do fã participante. Visitando os diversos espaços. Seguem, neste momento, algumas considerações sobre uma série de cruzeiros que realizei, na temporada de verão – quando algumas companhias marítimas se deslocam para a América do Sul. O roteiro é o Prata, zarpando de Santos, com destino a Buenos Aires, Punta del Este e Montevideu, com duração de uma semana¹⁶.

Logo no embarque, ouvem-se trilhas do pop internacional, com sonoridade aguda e em baixa intensidade. Assim as companhias dão as boas-vindas. Esse mesmo repertório se repete nos corredores e restaurantes, repetidamente durante todo o período. Os restaurantes maiores, destinados à maioria dos cruzeiristas, às vezes é surpreendido por uma noite italiana, com a participação de garçons, copeiros, cozinheiros e até o mestre-cuca, que subitamente iniciam a cantar repertório italiano conhecido (*Volare, O sole mio, Brindisi, da Traviata* etc.).

Ao zarpar, a maioria toca seus apitos, geralmente em intervalo de terça menor, como bordões de uma fanfarra. Há algumas variações, como a *Princess Cruises*, que põe a tocar a primeira frase melódica que constitui o tema de abertura de *O barco do amor*¹⁷. Imediatamente, os passageiros são convidados a iniciar participar de baile de despedida do porto que ficou para trás.

Há os recintos destinados a “não fazer nada” e outros para “a curtidão”. Em cada um deles, as atitudes das pessoas e repertórios variam consideravelmente. Nas *lounges* junto à área central, há um piano-bar, ou pequeno conjunto. Aqui, público presente – geralmente mais velho – está para passar o tempo com um *drink* na

¹⁶ Entusiasta pelas travessias em alto-mar, fiz a travessia pelos Cruzeiros “Prata”, oferecidos pelas armadoras Costa, MSC e *Royal Caribbean*, entre 2014-2020, que habitualmente partem de Santos, passando por Punta del Este, Montevideu e Buenos Aires. De um modo geral, minha descrição sintetiza experiências semelhantes, ocorridas em anos consecutivos.

¹⁷ Os episódios de *O barco do amor* (*The love boat* – ABC, 1977-1986), composta por Paul Williams e Charles Fox, se desenrolavam no interior de navios da Armadora.

mão ou para um possível flerte amoroso. Há bares em ambientes mais reservados, de menores dimensões e baixa iluminação, em que pianistas se revezam ao longo da noite. Nos salões à meia-luz, reproduzem-se sucessos do passado (*flashbacks*), convidando casais a dançar. Não ficam fora do repertório obras da música popular brasileira, sobretudo de caráter massivo, com forte presença do sertanejo e variantes carnavalescas-baianas do ano.

Nas áreas abertas, junto à piscina, prevalecem as peças com apelo à dança, combinadas às coreografias que em muito se assemelham aos movimentos de ginástica *fitness*. São atividades coletivas (aprendizagem de coreografias, jogos) para ocupar o tempo. A primeira delas se dá já na partida e se repetirá em todas as demais. Repertório carnavalesco, canções infanto-juvenis (algumas da época da infância dos passageiros). Noites temáticas são inventadas (do branco, do carnaval etc.) também na área externa, próxima à piscina, com muita dança e altos decibéis.

Já a discoteca avança noite adentro com muito ruído e apelo ao corpo, a ponto de levar ao torpor e exaustão. Lá geralmente se encontram os adolescentes (e os que ainda se comportam como tal, pelo menos nestes momentos). Talvez a zona do cassino seja aquela em que a presença de música não esteja presente. Mas, em se considerando a sala lotada e a superpopulação de sons eletroacústicos oriundos das máquinas caça-níqueis congestionada a paisagem sonora, sobrepondo-se a qualquer outra atividade musical.

A área nobre – o grande teatro – oferece espetáculos baseados em sucesso da Broadway: bailarinos, acrobatas e cantores se enfrentam numa competição de desenvoltura muscular, *vibrati* e decibéis, compondo uma narrativa meio descabida; é preciso consumir com excesso. Para isso, oferecem-se os atrativos: demonstração de potência, agilidade, técnica e força. Enredos estapafúrdios são improvisados de maneira a incorporar o elenco de bailarinos, cantores e ginastas. É notório observar que raramente um instrumento musical entra em cena e, quando isso acontece, é muito esporádico. Geralmente, é quando há um membro da tripulação com dotes especiais, apresentando como novo talento.

Mas é importante destacar algumas exceções. Ainda que este seja o padrão brasileiro, quando fiz o roteiro mediterrâneo, o *MSC Magnifica* trouxe a cantora lírica Stephania Barz para cantar árias de ópera. Mas, para o público frequentador daquele trajeto, majoritariamente de nacionalidade italiana, ópera é música popular. Em outra ocasião, atracado em Buenos Aires, a *Royal Caribbean* convidou um quinteto de tango.

Dito isto, parece que o modelo geral dos cruzeiros de há quase cem anos se preservou, com os evidentes ganhos possibilitados pelo aprimoramento tecnológico, que trouxe maior conforto e segurança na navegação e na qualidade dos serviços (higiene e controle sanitário da alimentação, produtos de higiene do ambiente etc.). De outra parte, esta mesma evolução tecnológica extinguiu, dentre tantos outros prestadores de serviço, uma parcela importante da tripulação: os músicos. O espetáculo noturno, no grande teatro, trocou a orquestra, os combos de jazz pelo acompanhamento instrumental em *playback*. A participação humana se dá pela presença física do cantor ou, muito raramente, algum instrumentista e, inevitavelmente, os técnicos operadores dos equipamentos de som e luz.

Da mesma forma, todos os bares e *lounges* contam com um grupo de no máximo três músicos, sendo o restante do conjunto ou orquestra um computador portátil (*notebook*), uma placa de som e uma caixa acústica acoplada, além dos microfones de amplificação. Em alguns locais, encontra-se um piano, uma bateria. O violão faz parte dos apetrechos do músico-cantor. Em algumas situações, ainda se mantém um ou outro conjunto (não raro, combinações entre os próprios músicos do navio). Mas também há o músico solitário, que desenrola a trilha musical que compõe o ambiente propício para a desatar uma conversa descompromissada; íntima, até. Mas também é o reduto adequado para quem se deixa levar por suas divagações, alimentado pela nostalgia que algumas canções trazem... geralmente com a companhia de uma taça de conteúdo altamente alcóolico.

E o canto das sereias? (Conclusões)

*Sobre a cidade a tarde cai de manso
Começam a acender-se as luzes mortiças
Nos longos mastros dos transatlânticos ancorados,
Como e longo o cais envolvendo a cidade inteira
Com os chatos armazéns e os guindastes em fila!*
Santos, Rui Ribeiro Couto

O poema de Rui Ribeiro Couto, poeta e diplomata (1898-1963), descreve a paisagem da cidade de Santos, na primeira metade do século XX. Ainda sem os arranha-céus, as construções de um ou dois pavimentos, no máximo, aproximavam a vida marítima da rotina das pessoas que habitavam as cercanias. A chegada e a partida dos navios era um acontecimento que perturbava a rotina da cidade:

A chegada de um transatlântico no porto de Santos era um verdadeiro espetáculo. Eram centenas de pessoas que chegavam, milhares que iam esperá-las. Havia risos e lágrimas, gritos alvissareiros e silêncios comovidos, acenos de lenços e abanos de mão, enquanto um navio de passageiros chegava ao cais- das centenas que aqui escalavam (Giraud, 2001, p. 17).

Já no segundo decênio do Terceiro Milênio, para se poder ouvir as chegadas e partidas, é preciso estar na proximidade da orla marítima. O emparedamento da avenida beira-mar permite a visibilidade e a audibilidade tão somente daqueles que espreitam as embarcações pelas janelas dos apartamentos. A chegada de turistas, não mais em centenas, mas em milhares, congestionam os terminais de embarque. Ao invés do desfile dos passageiros, como nos tempos em que a atividade turística estava reservada para poucos, a massificação impôs categorias para o embarque,

dividindo grupos em cores, zonas, filas. Já no momento de levantar âncoras, bagagens, pessoas e copos de coquetéis se chocam nas filas dos elevadores. O toque de zarpar, pela sirene, põe a equipe de animação na zona da piscina, chama para dançar uma sequência de peças *axé-music*. Muitos não se importarão em mirar a paisagem. Começaram-se os dias de diversão total!

Esta é uma breve descrição de algumas atividades que ocorrem nos momentos iniciais saídos do porto de Santos em direção a Buenos Aires e Montevideú e que muito provavelmente se repete em outras escalas rumo ao nordeste. Trata-se de conveniente opção para passar as férias em família, uma vez que o hotel flutuante oferece entretenimento para todas as idades, além de proporcionar férias da rotina doméstica, carregada de tarefas exaustivas: ao invés de se preocupar com o preparo do cardápio do dia, a dona de casa poderá passar dias estirada numa cadeira, à beira da piscina, enquanto a prole segue a equipe de animação infantil.

Antes de concluir, é importante ressaltar que, durante os governos Lula da Silva e Dilma Rousseff, surgiram políticas públicas voltadas ao público de baixa renda, o que lhes permitiu o ingresso a uma nova categoria de consumo de bens e serviços, incluindo passeios em cruzeiros. Tal situação gerou um *boom* no setor turístico (observe-se a quantidade de navios atracando no porto de Santos em 2015, por exemplo e as projeções de alta para o período de 2022-2023). Entenda-se que, durante esse período, o cardápio musical deveria contemplar o gosto dessa clientela.

Os anos de 2016 e 2017 registraram uma queda sensível na venda de viagens de cruzeiros, devido à severa crise financeira que tomou conta do país. Os navios que aportaram adotaram o mesmo repertório musical, mantendo os gêneros “massivos”¹⁸ das paradas de sucesso, com destaque para os denominados sertanejos. Tal perfil atesta, dessa forma, uma certa estabilidade na configuração da paisagem sonora e musical. Poderíamos considerar, hipoteticamente, que tal estabilidade se deve ao fato de que a

¹⁸ Também denominados, por alguns estudiosos como “popularescos”, isto é, vinculados à ideia de um produto elaborado para uma extensa quantidade de consumidores pouco ambientados a um repertório de natureza mais complexa.

clientela que compra os “pacotes” de cruzeiros turísticos (e outros pacotes turísticos) não se habituou a escutar outros gêneros musicais, quer do passado, ou de outras culturas. Fato relevante é que alguns diretores de cruzeiro se mantêm nas empresas por longos anos, sendo responsáveis pela escolha dos repertórios e artistas a contratar – ainda que as deliberações resultem de discussões mais amplas em instâncias superiores das armadoras. Dado o sucesso do turismo de cruzeiros em 2023 e, considerando-se a possibilidade de uma ampliação dos serviços para a próxima temporada, a presença de música em alto mar, por um tempo mais extenso, é um fato a ser considerado.

Posto que a realidade cotidiana está permeada de música, no interior dos navios não será diferente. Este texto aponta que boa parte da atividade turística se dá pelo consumo de signos musicais: dos repertórios que compõem o álbum de “cartões postais sonoros” do interior do navio, mas também das localidades visitadas nas excursões em terra. Juntamente com as fotografias, toda a viagem estará pronta para ser guardada em um filme no formato DVD, para se adquirir no último dia do cruzeiro: um breve deslizar do cartão de crédito do navio garantirá a doce recordação da viagem. Resta, nesse momento, empacotar a bagagem e aguardar a espera tediosa da chamada para o desembarque, após uma noite insone, no baile da despedida.

Referências

AUGÉ, Marc, **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Papirus, 1994.

A LENDA do pianista no mar. Direção: Giuseppe Tornatore. Produção: Marco Chimenez. Roteiro: Giuseppe Tornatore. Itália: Medusa Film, 1998. DVD.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRASILTURIS. Temporada de Cruzeiros 2019/2020 injetou R\$ 2,24 bilhões na economia brasileira. *In: **Brasilturis Journal***, 5 out. 2020. Disponível em: <https://voenews.com.br/2020/09/24/temporada-de-cruzeiros-2019-2020-injetou-r-224-bilhoes-na-economia-brasileira/>. Acesso em 12 de dezembro de 2023.

CASHMAN, David. Music and (Touristic) Meaning on Cruise Ships: The Musicscape of the MV Carnival Paradise as a Semiotic Tourism Product. *In: **Journal of the International Association of Popular Music***, Mineapollis (USA), vol. 4, n. 2, p. 85-110. Disponível em: https://iaspmjournal.net/index.php/IASPM_Journal/issue/view/57. Acesso em: 13 set. 2022.

COSTA, Jurandir F. **O vestígio e a aura**. O corpo e o consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COUTO, Rui Ribeiro. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.

CRUZEIRO Vocal: Santos-Búzios 2015. **Cruzeiro Vocal**. Disponível em: <http://cruzeirovocal.blogspot.com>. Acesso em: em 13 set. 2022.

DIAMOND, John. Juventino Rosas (1868-1894). **The Johann Strauss Society of Great Britain**. Reino Unido. Disponível em: <http://www.johannstrauss.org.uk/composers-n-z.php?id=187>. Acesso em: 20 set. 2022.

ELISEO, Maurizio; PICCIONE, Paolo. **Transatlantici** – storia delle grandi navi passeggeri italiane. Gênova: Tormenta, 2003.

ENCHIOGLO, Laura. Temporada de cruzeiros 22/23 gera R\$ 400 milhões para Baixada Santista. *In: **Panrotas***, 18 abr. 2023. Disponível em: https://www.panrotas.com.br/mercado/cruzeiros/2023/04/temporada-de-cruzeiros-22-23-gera-r-400-milhoes-para-baixada-santista_196183.html#:~:text=O%20Concais%2C%20terminal%20de%20cruzeiros,de%20Janeiro%2C%20Itajaí%20e%20Salvador. Acesso em: 24 jun.2023.

GIRAUD, Laire. **Transatlânticos em Santos (1901-2001)**. São Paulo: Gráfica Guarani. Edição do autor, 2001.

G1 SANTOS. Temporada de cruzeiros 2023 será a maior dos últimos 10 anos, diz CLIA: Com duração prevista de quase seis meses, entre 29 de outubro a 20 de abril, o Porto de Santos vive a expectativa de receber 492 mil cruzeiristas. **G1 Santos**, Santos, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/porto-mar/noticia/2022/07/07/temporada-de-cruzeiros-20222023-sera-a-maior-dos-ultimos-10-anos-diz-clia.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2022.

I SALONISTI. **And the band played on** – music played on the Titanic. CD 458 382-2. Londres, Decca, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX** – o espírito do tempo. Rio de Janeiro, Forense, 1969, 208 p.

MONTEIRO, Manoel. Viagem no Atlântico Sul. *In*: **Museu do emigrante**. Disponível em: <https://www.museu-emigrantes.org/pt/2022/03/21/o-museu-das-migracoes-e-comunidades-voltar-e-traduzido/>. Acesso em: 13 maio 2017.

MONTEIRO, Manoel. Pelo mar. *In*: **Museu das migrações e das comunidades**. Disponível em: <https://www.museu-emigrantes.org/pt/pelo-mar/>. Acesso em: 13 set. 2022.

ROYAL Caribbean. **Pesquisar Cruzeiros**. Royal Caribbean International. Disponível em: <http://www.royalcaribbean.com.br/findacruise/ships/class/ship/home.do?dest=&shipClassCode=OA&shipCode=AL&br=R>. Acesso: em 13 set. 2022.

SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Edunesp, 2001.

Prefeitura de Santos. Temporada de cruzeiros registra aumento de 19% no movimento de passageiros em Santos. *In*: **Prefeitura de Santos**, 10 abr. 2019, 14h 28. Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/temporada-de-cruzeiros-registra-aumento-de-19-no-movimento-de-passageiros-em-santos>. Acesso em: 20 set. 2022.

GLOBO G1: Santos e Região. Temporada de cruzeiros deve ser a maior dos últimos 10 anos com mais de 560 mil turistas no Porto de Santos. Primeiro navio chegou ao terminal marítimo nesta quarta-feira (2). Santos vai receber 16 navios com um total de 142 escalas até 16 de abril. *In: G1 Santos*, 02/11/2022, 11h21. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/porto-mar/noticia/2022/11/02/temporada-de-cruzeiros-deve-ser-a-maior-dos-ultimos-10-anos-com-mais-de-560-mil-turistas-no-porto-de-santos.ghtml>. Acesso em: 02 out. 2022.

TITANIC. Direção: James Cameron. Produção: James Cameron. Roteiro: James Cameron. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1997. DVD.

THE CARL WOLFE ORCHESTRA. **Music Aboard the Titanic**. Disco CD ISC-2896. Inside Sounds, 1998.

THE LOVE BOAT. *In: Wikipedia*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Love_Boat. Acesso em: 20 set. 2022.

VIDA E ESTILO. Veja os 15 cruzeiros temáticos com vagas em 2015: Viagens com foco em gastronomia, fitness, música, bem-estar e saúde ocorrem até abril. **Terra**, Brasil, 20 jan. 2015. Disponível em: <http://vidaeestilo.terra.com.br/turismo/cruzeiros/veja-os-15-cruzeiros-tematicos-com-vagas-em-2015,8991dc4ed530b410VgnVCM5000009ccc eb0aRCRD.html>. Acesso em: 13 set. 2022.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. Da canção artística à canção das mídias: memória e nomadismo. *In: Música e mídia: novas abordagens sobre a canção*. São Paulo: Via Lettera; FAPESP, 2007.